

O cinema e o público

No último número de «Sol Nascente» publicou Alves Costa um artigo com o título «Cinema, Arte Submetida» em que afirma «que o cinema é uma arte que tem de estar eternamente acorrentada à indústria que criou, que não tem salvação e que, embora se liberte por vezes, nunca se libertará totalmente porque ninguém se atreverá a ser o Messias de si próprio».

Não nego que o cinema seja uma arte submetida, o que, de resto, não constitui excepção, mas o que nego é que «tenha de estar eternamente acorrentado à indústria que criou» e que «não tenha salvação».

A literatura também criou a indústria do livro e no entanto não tem de lhe estar eternamente acorrentada.

Se há um grande número de películas más isso não é o resultado da submissão à indústria. Senão, vejamos:

Quando um livreiro edita um livro obedece sempre a umas certas razões: a aceitação no mercado, as maiores probabilidades de venda e portanto de lucro.

No cinema o caso é semelhante. Um exemplo: Os produtores americanos resolverem editar, em elevado número, películas musicais no género de «Chapéu Alto», porque fôram as que deram maiores lucros: Não admira, pois, que os americanos passem uns meses a produzir filmes cheios de sapateados e vasios de arte.

Se isto acontece, depende única e exclusivamente do público o remediá-lo. Espere-se que êle se canse de ver assuntos piegas e sensaborões. Não se espere mesmo que êle se canse; instrua-se e mostre-se-lhe a pieguice e a sensaboria. Faça-se subir o nível de cultura do povo.

Feito isto, esperemos confiadamente que o público deixe vasios os cinemas que exibem maus filmes.

Não sei se então alguém se atreverá a ser o Messias de si próprio, mas o que julgo é que o produtor de cinema tratará de contratar bons realizadores e, como o realizador «é o factor decisivo na criação dum filme», dar-nos à boas obras.

Prestando os cinemas de reexibição relevantes serviços ao público pobre, pela acessibilidade dos seus preços, não se compreende a razão, ou motivos, porque a maior parte das vezes estão vasios, ao contrário das casas de espectáculos de estreias, que embora exibam com freqüência películas banais, esgotam a lotação.

Preguntamos: tratar-se-á de snobismo?

Aconteceu, a semana passada, serem reexibidos num destes cinemas, dois filmes, um europeu e outro americano, de grande valor artístico: — «O Ruivo» e «Uma Noite Aconteceu»...

Se no primeiro o tema é mais humano e comovente, o segundo, mercê duma realização inteligente e duma técnica mais perfeita, conse-

Nesta hora tão decisiva para os altos e sagrados interesses nacionais, em que todos os bons portugueses vibram de exaltação patriótica, não podemos calar um veemente protesto contra os atentados de que há semanas Lisboa foi teatro. Não é com sangue que se cimentam ideais; nem com estrondos sinistros que se redime um povo ou o mundo. Por isso a nossa indignação também se manifesta contra o que pretende, covardemente, impôr-se pela sangueira e pelo estrondo. Este é o bom caminho!

«Sol Nascente» e a Imprensa

Com termos de afectuosa camaradagem, tem se referido ao aparecimento de «SOL NASCENTE», entre outros jornais, os seguintes: «O Arrifarense», «Boletim do Industrial», «Brados do Alentejo», «O Comércio de Leixões», «Defesa de Gondomar», «Democracia do Sul», «O Diabo», «Educação Nacional», «O Educador», «O Ilhavense», «Jornal de Chaves», «Jornal de Ílhavo», «Jornal da Régua», «A Maria da Fonte», «O Montemorense», «Notícias de Guimarães», «O Povo de Penafiel», «O Primeiro de Janeiro», «A Província», «A República», «A Verdade» (do Pôrto), «A Vida Social», «A Voz da Beira», etc., etc.

A todos os nossos sinceros agradecimentos.

Deu-nos o prazer da sua visita, o nôvel colega: «Multidão» — panfleto semanal de reportagem, crítica e literária — que como «bombeiro voluntário» do jornalismo se propõe «canalizar, até à turba ignara um pouca de humanismo e de boa e sã intenção».

Ao novo camarada os nossos sinceros votos de prosperidade.

«Multidão» é redigido por Anjos Fontalva.

Passou o 57.º aniversário o nosso prezado colega transmontano «Vilarealense». Por tal motivo, saudámo-lo afectuosamente.

gue ser melhor, como espectáculo cinematográfico.

E' um exemplo flagrante da superioridade dos filmes americanos sobre os europeus; consequir, dum tema fútil, produzir obras perfectas.

M. Azevedo.